



NEHTE

NÚCLEO DE ESTUDOS DE HIPERTEXTO
E TECNOLOGIA EDUCACIONAL



Artigos

REFLEXÕES EM TORNO DA ESCRITA NOS NOVOS GÊNEROS DIGITAIS DA INTERNET

Antonio Carlos Xavier¹

Resumo:

A internet tem levado as pessoas a lerem mais e a usarem mais a escrita. Dessa forma, muitos internautas têm ficado mais habilidosos no manuseio e na criação de formas específicas de lidar com a língua. Este ensaio discute uma questão que vem ocupando ultimamente espaço na mídia e na sociedade em geral. *A escrita utilizada pelos internautas nos emails, bate-papos e agora nos weblogs e orkut estaria prejudicando a aprendizagem da escrita na escola?* Por outro lado, questiona-se também por que muitos deles escrevem e se comunicam com fluência quando utilizam estes novos gêneros digitais, mas apresentam desinteresse e até dificuldades de escrever textos na escola. Nossa intenção é discutir essas questões e ponderar algumas possíveis respostas para estes diferentes comportamentos no uso da escrita, além de analisar a rápida apropriação dos gêneros digitais que circulam na rede hoje por esses mesmos jovens usuários da linguagem.

Abstract:

The Internet is the reason why people are reading and writing more lately. Because of that, many Internet users have become highly skilled at manipulating and creating specific written forms of language. This paper examines questions that have recently been asked in the media and in society in general. Are text genres like emails, chat-rooms, weblogs and Orkut postings utilized by Internet users undermining the learning of writing skills at school? Why do students write and communicate proficiently via digital text genres but show some disinterest and even difficulty with academic text genres? Our goal is to discuss these matters and ponder some possible answers for these behavioral patterns of the written language. We will also analyze how fast young users of the language acquire digital text genres with broad dissemination on the web.

Resumé

Avec l'arrivée de l'internet beaucoup de gents de tout le monde a passé à lire et à écrire plus. Alors les useurs des réseaux d'informatique ont crée formes especifiques d'utiliser la langue. Ce texte parle d'une question qui preoupe la midia et la société en général. La forme écrite utilisée par les adolescents dans les méls, intéraction dans les salles de conversation et weblog, orkut maintenant peut difficulter l'apprendizage d'écrire dans l'école? Notre objectif c'est de faire une discussion sur cette question et l'autres pour indiquer possibles réponses.

Introdução

¹ Professor da Graduação e Pós-graduação em Letras da UFPE. É co-organizador dos livros *Hipertexto e Gêneros digitais*, Lucerna, 2004 e *Conversas com lingüistas: virtudes e controvérsias da lingüística*, Parábola, 2003. Para contato: tonix@uol.com.br

O crescente acesso de pessoas à rede mundial de computadores e o surgimento de vários gêneros digitais têm possibilitado a criação de uma maneira diferente de lidar com a escrita e suas normas gráficas. Este ensaio discute uma questão que vem ocupando grande espaço na mídia em geral e muito pouco nas instituições acadêmicas. A questão é: *a escrita utilizada principalmente pelos adolescentes nos emails, salas de bate-papo e agora nos weblogs e orkut prejudica a aprendizagem da notação escrita alfabética na escola?*

Por outro lado, questiona-se também por que muitos deles escrevem e se comunicam com fluência por meio destes gêneros digitais, mas apresentam desinteresse pelas atividades de escrita na escola e até dificuldades de produzir os gêneros textuais propostos pelo professor na sala de aula. Nossa intenção é ampliar a discussão desse tema no âmbito da academia e ponderar algumas possíveis razões para estes diferentes comportamentos no uso da escrita, além de comentar a rápida e eficaz apropriação e utilização dos gêneros digitais que circulam na rede.

Como professor de produção textual e pesquisador de mídia eletrônica e digital já há alguns anos, tenho percebido que essa geração de alunos, que têm crescido com acesso às novas tecnologias de comunicação, vem entrando em contato com diversas formas de textos em múltiplas semioses (palavra, imagem e som), quando comparado aos alunos das gerações passadas. Ou seja, o advento da internet tem possibilitado a exposição de muitos adolescentes aos mais variados gêneros de textos e manifestações de linguagens que os das gerações anteriores. Lidar com essa nova mídia, conhecer e interagir com pessoas em diferentes pontos do planeta, sem dúvida, tem sido muito mais fascinante que ir à escola e esquentar as carteiras para ouvir o professor monotonicamente falar sozinho o tempo em que lá permanecem.

No Brasil já são quase trinta milhões de pessoas com acesso à internet em 10 anos de existência da rede em terras tupiniquins. Cinco milhões de usuários brasileiros já navegam com banda larga, ou seja, com alta velocidade de conexão durante as vinte e quatro horas do dia. Isto porque os custos dos equipamentos necessários à navegação bem como à manutenção têm diminuído a cada dia, levando as pessoas a usarem mais a rede e, dessa forma, tornarem-se mais habilidosas no manuseio e na criação de formas específicas de lidar com a língua neste novo suporte hipertextual (Xavier 2002). Em outras palavras, à medida que aumenta o envolvimento dos usuários com o novo espaço textualização da língua, o hipertexto, também cresce a vontade de experimentar certas maneiras de verbalização um tanto quanto tolhidas pela natureza conservadora de alguns ambientes, instituições e pessoas (Landow 1992). Como tudo é novo como os próprios usuários ousam inovar também no uso da linguagem, testando formas novas de transcrever e rerepresentar a língua oral no espaço virtual.

Diria que essa geração tem adquirido o letramento digital (Xavier 2005) antes mesmo de ter se apropriado completamente do letramento alfabético ensinado na escola (Kleiman 1995, Soares 1998). A intensa utilização do computador para interação entre pessoas à distância tem feito muitos adolescentes efetivarem práticas de leitura e de escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Eles agora lidam não só com as formas gráficas da escrita ditadas pelas normas gramaticais, mas as reconfigura, resignificado-as tal como acontece com parênteses, traços, barras e outros sinais de pontuação que formam feições humanas e passam a representar estados d'alma, refiro-me aos *emoticons*.

Segundo pesquisa realizada por Dom Tapscott (1999) com adolescentes que estão crescendo na rede, eles têm assumido alguns comportamentos que, acredito, estão se projetando diretamente no uso da língua, tais como: **imediatismo interacional, tolerância ao diferente e autonomia na aprendizagem**. Talvez a adoção desses

comportamentos como princípios de ação na rede mundial de computadores explique em parte o uso não convencional que essa geração tem feito da língua quando navegam.

1. **Imediatismo interacional** - A grande vontade de participar de debates acalorados e assim identificar-se com um conjunto de pessoas que compõem uma certa comunidade a qual pertence ou deseja pertencer leva o indivíduo a buscar mecanismo que lhe possibilitem essa identificação. A língua é sem dúvida um dos mais poderosos mecanismos de identificação grupal e inserção social. É preciso agilidade no manuseio do teclado do computador para participar de certas formas de interação na rede *online*, pois a demora na resposta pode significar perda do turno de fala, dispersão do internauta e conseqüente desconsideração de sua opinião por parte do interlocutor. Uma vez conectado, não há tempo a perder. É preciso dar uma contribuição efetiva ao debate e para isso deve escrever da forma mais esquemática e funcional possível, pois essa é a expectativa dos que interagem na rede. Nos momentos de intensas trocas verbais e icônicas de ‘enunciados’, abreviações e reduções em palavras e expressões são não só necessárias quanto esperadas. Assim, "fim de semana" passa a ser grafada por "fds"; "beleza" vira "blz", entre outros cortes substanciais em vogais e sílabas inteiras das palavras.
2. **Tolerância ao diferente** – Como interagir urge, logo a pressa em escrever para não perder a discussão em andamento gera novas formas de anotar as palavras e expressões da língua. Surpreendentemente, essas inovações lingüísticas parecem não causar estranhamento ou provocar indignação nos internautas. Pelo contrário, a transgressão notacional de palavras é geralmente vista pelos usuários da rede como manifestação de criatividade e de descontração no uso da língua. Elas normalmente são bem acolhidas pelas comunidades virtuais. Muitos passam a imitar a nova grafia proposta, contribuindo assim para sua disseminação e emprego em massa entre os internautas espalhando-se rapidamente na rede. Condenar a inovação, inclusive, lingüística tem sido considerada uma atitude politicamente incorreta, pois aceitar a diversidade e valorizar a pluralidade de ser, pensar e se expressar tem sido a tônica das sociedades que se dizem democráticas em meio à atmosfera pós-moderna que permeia o Século XXI.
3. **Autonomia de aprendizagem** – Beneficiados pela liberdade de expressão e pela tolerância ao diferente, eles vão testando novas formas de verbalização, regulando o formato de sua escrita a cada nova situação de comunicação verbal. Aprendem sozinhos, sem manuais ou professores, a usarem de modo eficiente os mais recentes gêneros derivados das inovações tecnológicas. Quem os ensina a reconhecer um *email*, a identificar um *blog* e distingui-lo de um *chat*? A prática. O uso intenso, a insistente participação como interlocutores atentos aos detalhes de formato presentes em cada um dos novos gêneros digitais. Quem os ensina a escrever *emails*, *blogs* e *chats*? Eles aprendem fazendo, praticando, experimentando; escrevem e lêem, lêem e escrevem muitas mensagens nesses gêneros. Assim vão inserindo cada um deles em seu cotidiano, aperfeiçoando-os e tornando-se competentes para o emprego desses gêneros conforme suas necessidades sócio-comunicativas. Por causa do grande envolvimento e domínio dos gêneros digitais, a tendência é que os internautas ampliem sua necessidade de interação, o que exige naturalmente a criação de outros gêneros digitais num processo de invenção infinita de gêneros textuais. Um bom exemplo disso é o *Fanfic*, o mais recente gênero nascido no e por causa do PC conectado à rede. Trata-se de uma “ficção criada por fã” de um certo autor ou de um personagem pertencente a uma dada obra. Em geral realizam modificações na obra ou no destino de um personagem. Os fãs criam novas histórias, outras ficções, envolvendo um determinado personagem e publicam-nas

em *sites*² especializados para tal. Por essa razão é que os usuários da rede estão constantemente buscando desenvolver a capacidade de aprender sozinhos e dessa forma poder acompanhar as frenéticas mudanças que se revelam tanto na rede quanto fora dela.

As escolas, que desconhecem ou desconfiam do funcionamento e das vantagens das novas tecnologias, têm se recusado a usá-las em suas atividades cotidianas, e o que é pior, têm se deixado levar por idéias e concepções sem o menor fundamento científico. Alguns professores têm reproduzido um discurso tecnóforo sem a reflexão necessária ou suficiente. O exemplo mais comum desse discurso tecnóforo observado entre professores principalmente de Língua Portuguesa é que a linguagem da internet tem prejudicado a aprendizagem da escrita correta das palavras do Português. Dizem que sintomaticamente ‘vícios típicos da internet já estão invadindo as redações e trabalhos escolares.’

Quando consultado por um jornal local (Folha de Pernambuco), em dois de abril de 2005, para opinar sobre o uso do “internetês” pelo canal por assinatura Telecine, em um de seus programas interativos, afirmei que “a sociedade estava passando pela quarta revolução industrial e que a *web*, enquanto novo espaço de comunicação, exige novas formas de lidar com a língua”. O curioso é que na mesma matéria havia a opinião de dois adolescentes, que usavam essa linguagem nos *blogs* e *chats* de que participavam e de um adulto, mãe de um deles. Os três diziam exatamente o contrário do que eu defendia. Um dos adolescentes disse que “abreviar palavras em legendas de filme pode tornar a leitura confusa. Além disso, ler legenda do mesmo jeito que se escreve na internet influencia no jeito que você vai escrever”. O outro adolescente entrevistado afirmou que “é melhor que as legendas sejam escritas do jeito normal para não incentivar o uso errado do português”. A adulta consultada declarou que: “a televisão é um meio de comunicação de massa, então todo mundo pode passar a falar desse jeito deturpado. É uma pena, já que a nossa língua já é tão mal falada, tão vulgarizada”.

Todas essas opiniões revelam o senso comum sobre o uso da língua, ou seja, todas partem do princípio de que ela é uniforme, isto é, só há uma maneira de usar a língua e esta é a norma chamada culta. Convém salientar que uma mentira dita várias vezes é mais eficaz do que uma verdade dita uma única vez. A repetição de uma mesma informação consolida crenças que passam a ser assumidas como verdades absolutas, verdadeiros dogmas. Essa parece ser a posição que algumas escolas e seus respectivos professores de Português têm assumido quanto ao uso da linguagem da internet pelos adolescentes.

Tal atitude de repúdio às novas tecnologias esconde às vezes uma acomodação profissional dos que fazem a escola, para que não sejam revistos certos conceitos de ensino e reavaliadas algumas atividades pedagógicas repetidas anos a fio, na maior parte das vezes sem sucesso. São vários os argumentos para evitar mudanças de concepções, métodos e instrumentos pedagógicos. Vale até aceitar afirmações simplistas que ganham força de tese pela freqüente repetição por leigos e professores experientes ou já desanimados com o magistério.

Defendo que o uso dos gêneros digitais da internet não prejudica a aprendizagem da escrita pelos adolescentes. Antes, deve servir de contraponto para a escola alertar esses usuários sobre a necessidade de se comportar diferentemente diante dos vários gêneros e suportes textuais e assim adequar a escrita a cada um deles. Não se trata de uma esquizofrenia dos adolescentes ao escreverem na rede de um jeito e na escola de outro. Entretanto, é preciso despertá-los para as diferenças de comportamento

² http://coisasqueamoemcharmed.vilabol.uol.com.br/fanfics_faq.html

lingüístico diante dos diversos gêneros e contextos comunicativos. Eis que a internet surge mais como ferramenta de auxílio à aquisição das habilidades de leitura e escrita do que como um novo empecilho para o domínio dessas habilidades.

Todo indivíduo mais ou menos letrado tem intuitivamente uma noção do que seja adequação lingüística. A maioria dos usuários da língua sabe que não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita, bem como não se pode separar a escrita da leitura enquanto processos de aquisição, (re)organização e distribuição de conhecimento, já que estão cognitivamente imbricados. Por isso, nessa discussão, é preciso considerar dois pressupostos teóricos importantes e influentes para a adoção de uma posição sobre o tema:

1. Leitura e Escrita são processos interdependentes e complementares;
2. Toda leitura é uma reescritura de um texto e toda escrita é a colagem de várias leituras realizadas em outros momentos, pois não há leitura sem escrita nem escrita sem leitura e uma habilidade não sobrevive sem a outra.

Por razões de sistematização pedagógica, esses processos são abordados separadamente, como se isso na prática fosse possível. Seguindo essa perspectiva dicotomizada de tratamento das duas faces da mesma moeda (leitura e escrita), realizei em 2001 uma enquete como parte da coleta de dados para minha tese de doutorado. Uma das perguntas indagava aos participantes qual teria sido a atividade que eles mais passaram a fazer depois de conhecer a internet. Entre as alternativas havia as seguintes opções: a) ler mais; b) escrever mais; c) conversar mais (virtual e pessoalmente); d) isolar-se mais fisicamente e e) nada mudou.

Ler mais foi a atividade que as pessoas entrevistadas passaram a fazer com mais freqüência depois que conheceram a rede. Ao analisar essa resposta, percebi sua obviedade, pois, de fato, o que mais se faz quando se acessa a rede mundial de computadores são leituras. Para se realizar qualquer atividade conectado à internet (checar *emails*, pesquisar, verificar notícias, participar bate-papos, debater em fóruns eletrônicos), é preciso, no mínimo, saber ler bem. Assim, atividade que mais se realiza na internet é a prática da leitura. Alguém que reclama que o filho/filha passa muito tempo navegando na internet, não deveria ficar tão preocupado, porque o que mais ele/ela estará fazendo lá é lendo e muito. A qualidade da leitura, entretanto, realmente precisa ser discutida e avaliada.

Não há dúvida de que todo ser em formação intelectual, principalmente na adolescência, precisa de: a) *variar a leitura dos gêneros de texto que circulam na sociedade* a fim de ler e distinguir. Ele deve ler romances, crônicas, novelas, poemas, ensaios, entre si atendem às suas necessidades sócio-comunicativas; b) *variar os suportes*, as superfícies dos objetos de leitura, para assim ter contato com o papel, com os diferentes formatos de livros, jornais, cartazes, panfletos etc. Essa variação de suportes vai ampliar a experiência de leitura destes aprendizes que são privilegiados por viverem esse momento de transição do papel (analógico) para a tela (digital), no qual experimentam a simultaneidade de semioses e vivenciam a clipagem das linguagens.

A Internet é uma mídia que tem como fundamento central o conceito de liberdade de expressão. Nunca esse sintagma esteve tão valorizado em toda história da humanidade. Virou uma máxima reafirmada em cada esquina da cidade, não só pela imprensa, sua maior defensora e beneficiária, mas também por outras instituições governamentais e não governamentais, ONGs e Nações Unidas, por exemplo, a fim de garantir o estado democrático de direito. Hoje mais do que ontem, valoriza-se não só o que se diz, mas principalmente o direito de dizê-las, ainda que para tal se utilizem formas de escrita não convencionais.

Apoiados nisso, os adolescentes usuários frequentes da mídia digital encontram na rede o espaço ideal para exercitar aquilo que mais gostam de fazer pela própria natureza da idade: transgredir. Sabem que não há sanções ou qualquer forma de repressão quanto ao como vão dizer o que querem a dizer. Têm certeza de que será valorizado pelo direito dizê-lo, pois contam com a proteção da máxima contemporânea da liberdade de expressão na análise dos fatos, na emissão de opiniões, na avaliação da realidade que os envolve e que certamente lhe diz respeito. O exercício da liberdade de expressão na rede exige habilidade e agilidade do escrevente para revelar ao mundo suas opiniões e sensações. As páginas eletrônicas que circulam na rede são atualmente em sua maioria carregadas de textos escritos que, por sua vez, pedem respostas, ou seja, solicitam a escrita de mais textos. Os *emails*, por exemplo, uma vez recebidos reclamam uma resposta e por mais telegráficos e abreviados que sejam, levam o escrevente a utilizar-se dos recursos da modalidade escrita da língua, até porque para “transgredir” conscientemente o sistema de escrita de língua é necessário dominá-lo. Os *fóruns eletrônicos*, além de provocarem a participação escrita de seus usuários, desenvolve o senso crítico, a capacidade de argumentação e síntese diante do acesso a opiniões bem divergentes entre si;

Todos os *sites* possuem *links* que buscam estabelecer contato com o visitante, que pedem a participação do outro, uns de forma direta, outros de modo indireto. Para efetivar essa participação, exige-se uma reação lingüística concreta, uma ação interativa real que se efetiva quase sempre pela modalidade escrita da língua. A própria idéia de *hiperlink* já carrega consigo o traço interacional, uma vez que conduz o leitor a outros *sites* indexados à net, colocando-o em contato com uma verdadeira rede de relações interpessoais e interinstitucionais. O *hiperlink* é uma ferramenta que procura envolver o outro no processo dialógico, chamá-lo à participação ativa na construção do texto digital. Certamente isso propicia mais ação integrada, valorizando as atividades realizadas pelos internautas quando navegam na rede. A democratização das sociedades trouxe a necessidade de ouvir respeitando a opinião do outro, de dividir a responsabilidade das decisões com os outros, de negociar situações de conflito junto ao outro e justificar para os outros as escolhas realizadas.

A internet é essencialmente um espaço de produção de linguagem e a forma de linguagem hoje que predomina nas páginas digitais da Internet ainda é a linguagem verbal na modalidade escrita da língua. Por ter nascido e ser molda pela *Cultura Escrita* e sob a tradição do livro, que goza do prestígio de ser um símbolo de cultura e erudição, é natural que ainda predomine nas páginas digitais a palavra escrita, o verbo, em detrimento da imagem e da sonoridade. Contudo, a *convergência de mídias* viabilizada pelo computador pode levar à dúvida de saber se realmente a escrita continuará a ser a forma de expressão humana a predominar neste mais novo suporte de leitura – a tela digital. Quem defende essa idéia da supremacia do escrito sobre o visual é o semiótico e escritor italiano Umberto Eco, em um artigo intitulado “*Da internet a Gutenberg*”. Neste artigo, publicado como pós-escrito do livro *The Future of the book* (O Futuro do livro) em 1996, editado por George Numberg, Eco diz que a *Era da Informática* representa a consolidação da escrita como forma de expressão de significados que tem um lugar garantido na vida do homem contemporâneo.

Como o próprio título do artigo sugere, *Da Internet à Gutenberg*, Eco defende que a rede trouxe de volta ao centro das atenções a palavra escrita, recuperou o valor do ato de escrever. De fato, como afirmo acima, a internet ainda é hoje predominantemente texto escrito, que divide o mesmo espaço de produção de sentido com a imagem e com o som. Atualmente, as conexões domésticas ainda são muito lentas com velocidade de transmissão de dados que variam entre 32 e 64 kbps. Contudo, já há equipamentos de

conexão mais velozes no mercado que chegam a atingir 128, 256, 512 ou até 1024 kbps. Esse incremento na velocidade de conexão de dados pode mudar a realidade dos fatos semióticos e cognitivos permitindo uma real convergência de formas de expressão: texto + imagem + som mesclados passarão a gozar do mesmo peso sógnico na percepção e na construção de sentido pelo hiperleitor.

Para alívio dos mais conservadores e patrulheiros da língua, ainda se escreve na internet em dialeto padrão, ou seja, a maioria dos *sites*, portais e servidores de acesso obedecem ao sistema de notação da escrita convencionalizada por lei no Brasil e valorizada pelos gramáticos de plantão. Por ser um fato social, a linguagem verbal, produto da criatividade humana e construção histórica dos seus usuários, muda, é transformada por eles, renova-se juntamente com seus falantes, seres vivos e em constantes mutações pessoais e coletivas. Portanto, é natural que a cada nova necessidade de comunicação ou desejo de expressão do homem, haja modificações na forma de utilização da língua. Assim surgem as *variações* lingüísticas, que uma vez aceitas pelo uso constante dos falantes provocam reais *mudanças na língua*. São os novos contextos sociais e de relacionamentos interpessoais que reclamam a criação de novos gêneros textuais. As situações comunicativas inéditas geram demandas de gêneros específicos para cada uma delas. Em outras palavras, os gêneros textuais nascem para atender a essa diversidade de condições físicas, emocionais e econômicas que pressionam o usuário da língua a utilizá-la de uma certa forma e não mais de outra. A internet como um microcosmo virtual do mundo real reflete essa pluralidade de contextos comunicacionais, e, dessa maneira, oferece as condições sócio-técnicas para a emergência de novos gêneros textuais e formas alternativas de utilização das convenções da escrita.

Sabe-se que o nada nada cria, logo é natural que os novos gêneros que emergem das tecnologias recém criadas misturem gêneros, façam uma composição de características de um certo gênero com a possibilidade técnica de efetivar uma determinada ação antes impossível. Nesta perspectiva, fundem-se e fundam-se maneiras criativas de grafar as palavras e subverter os gêneros já existentes. Ilustram bem as relações de proximidade que há entre os gêneros carta pessoal e *email*, *chat* e conversa espontânea, fóruns eletrônicos e seminários ou debates públicos, *blogs* e diários e agendas. Cada um dos gêneros demanda uma forma específica de usar a escrita, pois nem todo gênero textual precisa ser formal e utilizar a norma padrão da língua. Um bilhete a um amigo requer o uso mais informal da escrita tanto na estrutura sintática quanto na escolha do léxico pela relação de simetria hierárquica que há entre eles. No bilhete pode-se reduzir palavras e usar um termo mais coloquial por causa da proximidade dos interlocutores e da natureza do tema discutido. Da mesma forma é natural que, numa palestra, o palestrante procure aproximar sua fala da norma padrão da língua por causa da situação acadêmica do evento que ocorre em uma instituição ritualística como uma universidade.

Considerações finais:

Para concluir, volto a questão inicial que motivou esse ensaio: há esquizofrenia ou adequação na escrita dos adolescentes que crescem na rede mundial de computadores? Ou formulando-a de uma outra maneira: por que muitos adolescentes têm um ótimo desempenho quando escrevem e se comunicam nos gêneros digitais que circulam na internet, mas na escola apresentam uma indisposição para escrever e até dificuldade de grafar as palavras de acordo com as normas gramaticais?

Como tentei mostrar neste trabalho, trata-se de fazer o aluno adolescente compreender que a internet é um espaço democrático, onde se pode empregar a escrita e

a língua de modo mais livre e moldada ao gênero que se precisa utilizar nas diversas ocasiões de navegação. É preciso alertar os usuários da língua a encaixá-las em seus devidos contextos e mostrá-lo que é necessário também dominar o sistema de notação ortográfica até porque só transgride conscientemente uma regra quem já a domina completamente³.

Os professores de língua materna e os educadores em geral precisam atentar para dois fatos importantes nessa discussão:

1. *Não se escreve da mesma forma em todos os gêneros e suportes de escrita*, pois é um equívoco pensar que a língua é uniforme em todos os lugares em que é usada. Ainda que a modalidade escrita da língua seja conservadora, é o gênero do texto que vai determinar qual variedade lingüística deve ser empregada naquele momento e naquele suporte de escrita diante de tais e quais interlocutores.

2. *A internet exige a prática da leitura e estimula a escrita* por promover a liberdade de expressão entre seus usuários.

A escola deve aproveitar a competência comunicativa dos adolescentes que usam bem os gêneros digitais disponíveis na rede virtual para transformá-los em bons produtores de gêneros textuais valorizados na sala de aula e no mundo real. Para ilustrar como isso pode ser feito na prática, sugiro que o professor de Língua Portuguesa peça que os alunos construam ou tragam um texto produzido em um gênero digital com todas as abreviações e reduções que lhes são peculiares e, depois, o "traduzam" ou o retextualizem. Assim, eles poderão perceber no processo de transformação as diferenças entre os gêneros textuais e a necessidade de grafar as palavras de uma certa maneira, considerando o contexto situacional da produção daquele texto agora retextualizado.

Impedir os adolescentes de usarem os gêneros digitais sob o pretexto de que prejudicam a aprendizagem da escrita "correta" é ignorar o fenômeno da variação lingüística, é priorizar o ensino da forma em detrimento do conteúdo e transferir o fracasso metodológico do ensino da notação ortográfica para um fator externo à prática pedagógica que por si só não pode ser responsabilizado.

Portanto, a internet tem muito a contribuir na formação intelectual e lingüística dos seus usuários, pois tende a fazer deles vorazes leitores e autores de textos sejam verbais, visuais, sonoros ou hipertextuais, habilidades que a escola e suas milenares ferramentas pedagógicas têm conseguido com muita dificuldade.

Referências Bibliográficas

- KLEIMAN, Ângela. **Os Significados do Letramento**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.
- LANDOW, George. 'Hypertext, Metatex, and electronic canon', In: TUMAN (ed.) **Literacy online: the promise (and Peril) of reading and writting with computer**. London: University of Pittsburgh Press, 1992.
- MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A C., **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- NUMBERG, G. (ed). *The Future of the book*. Los Angeles: University of Calofornia Press, 1996.
- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 1998.
- TAPSCOTT, Don. **Geração Digital**. São Paulo, São Paulo: Macron Books, 1999.
- XAVIER, Antonio C. S. **O Hipertexto na sociedade da informação: a constituição do modo de enunciação digital**. Tese de Doutorado, Unicamp: inédito, 2002.

³ Para maiores detalhes sobre essa questão, ver a dissertação de mestrado de Roberta Caiado intitulada *Meus querido blog – A notação escrita produzida no gênero weblog e sua influência na notação escrita escolar*, Recife, UFPE, 2005.

